

SE FOSSE POSSÍVEL CONTAR²⁸

Fernanda Magalhães; Bruna Reis; Ana Cristina Colla, Raquel Hirson; Mariana Rotilli

Resumo:

Este trabalho é proposto a partir da experiência de cinco artistas durante o projeto Grassa Crua, da artista Fernanda Magalhães, no Programa de Residência Artística Casa B do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, dentro da programação da exposição “Das virgens em cardumes e da cor das auras”, na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Durante a residência foram desenvolvidas atividades junto às mulheres usuárias e profissionais do serviço de Saúde Mental do Instituto de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Pretende-se explicitar aqui algumas linhas intensivas experimentadas nesses encontros, que reverberam em nossos corpos como rastros dos elos construídos nesta imersão. O que nos toca, marcas de vidas, histórias, abandonos, desejos, (in)potências, acolhimentos, prisões, delicadezas, medos, sensibilidades e o que se desdobra nas criações, em ações, movimentos, danças, imagens e áudios, em nossas artes, corpos e vidas.

Palavras-chave: *performance; residência artística; Colônia Juliano Moreira.*

Abstract:

This work is originated from the experience of five artists during the Project called Grassa Crua, proposed by Fernanda Magalhães as part of the House B, an Artistic Residency Program of the Museum Bispo do Rosário Arte Contemporânea, within the program of the exhibition “The virgins in shoals and the color of auras”, in the Juliano Moreira Colony,

28 Nota do Editor: por se tratar de escrita situada na fronteira entre o “formal” e o poético, a editoração/layout deste texto é das próprias autoras, não cabendo alteração para as normas da revista, o que poderia alterar o sentido proposto/preendido em alguns trechos.

in Rio de Janeiro. During the residency, activities were developed among the female users and professionals of the Mental Health Service of the Juliano Moreira Health Care Institute. It is intended to explain here some intensive lines experienced in these encounters, which reverberate in our bodies as traces of the links built in this immersion. What touches us, marks of lives, stories, abandonments, desires, (in) powers, welcome, prisons, delicacies, fears, sensibilities and what unfolds in creations, actions, movements, dances, images and audios, in our Arts, bodies and lives.

Keywords: *performance; artistic residency; Juliano Moreira Colony.*

“O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio”

(PATROCÍNIO, 2001, p. 93).

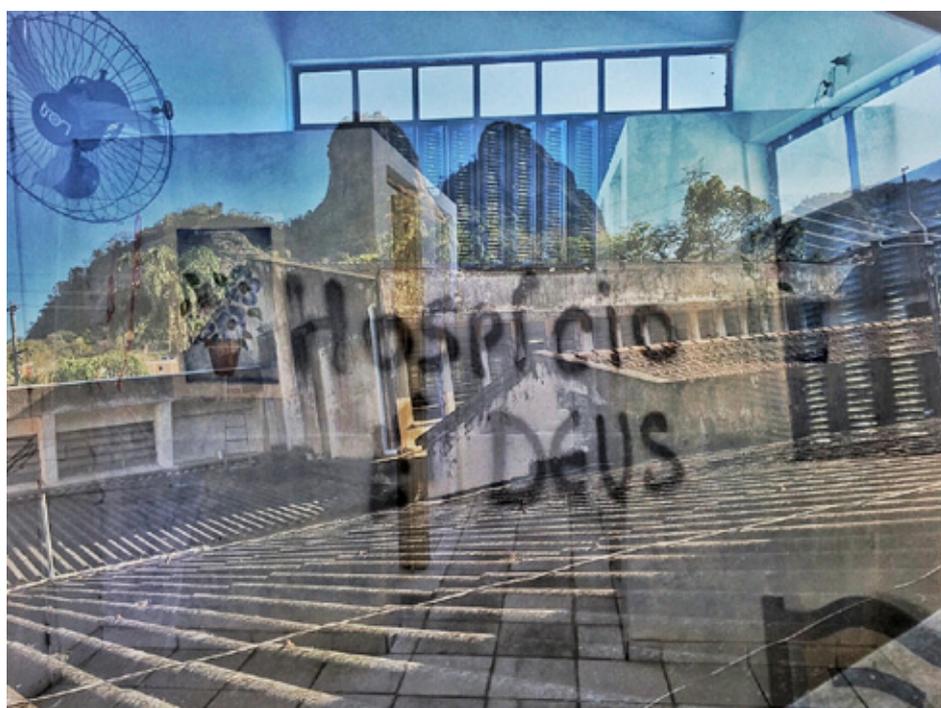


Imagem 1: “Duas irmãs” por Fernanda Magalhães, 2016.

Este trabalho é proposto a partir da experiência de cinco artistas durante o projeto *Grassa Crua*, da artista Fernanda Magalhães, no Programa de Residência Artística Casa B do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, dentro da programação da exposição “Das Virgens em Cardumes e da Cor das Auras”, na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Durante a residência foram desenvolvidas atividades junto às mulheres usuárias e profissionais do serviço de Saúde Mental do Instituto de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Trouxemos para este texto algumas linhas intensivas experimentadas nesses encontros, que reverberam em nossos corpos como rastros dos elos construídos nessa imersão. O que nos toca, marcas de vidas, histórias, abandonos, desejos, (in)potências, acolhimentos, prisões, delicadezas, medos, sensibilidades e o que se desdobra nas criações, em ações, movimentos, danças, imagens e áudios, em nossas artes, corpos e vidas.

De onde você é?

Eu não sei de onde eu sou

Do Rio de Janeiro?

Eu não sei, já disse.

De onde você gostaria de ser?

Eu não sei, já disse. Não insista!

Fernanda Magalhães, o foco central, aglutinador dessa experiência, dará as primeiras coordenadas: “Recebi o convite para integrar a programação da exposição **DAS VIRGENS EM CARDUMES E DA COR DAS AURAS**, com curadoria de Daniela Labra, que conta com um conjunto de obras de Arthur Bispo do Rosário e de artistas brasileiros que investigam a performance ou o performático na arte. A participação envolvia uma residência artística e a apresentação da performance *Grassa Crua*.”

Grassa Crua é um trabalho desenvolvido como pesquisa de pós-doutorado junto ao Lume, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP. Essa residência aconteceu no momento em que estávamos encerrando a pesquisa proposta. Pudemos assim finalizar os trabalhos com esta experiência, permanecendo naquele lugar por dias

seguidos, acordar, dormir, sentir e produzir arte. No lugar de Arthur Bispo do Rosário, espaço destinado à loucura e que ele transformou em potência para a criação artística.

Estendi o convite às atrizes Ana Cristina Colla e Raquel Scotti Hirson, supervisoras no pós-doutorado, provocadoras e diretoras da performance *Grassa Crua*. Ao final, acabaram juntando-se a nós Mariana Rotilli, contribuindo com as fotografias, Camilla Farias com suas experiências com o corpo-música e Bruna Reis, com sua pesquisa em dança com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Campinas.

Desde o momento em que recebi o convite interessei-me em vivenciar com elas, mulheres usuárias e profissionais do sistema de saúde da Colônia Juliano Moreira, questões que perpassam a *Grassa Crua*. Nossos corpos, confinamentos, exclusões, vaidades, formatações, ilusões, frustrações, desejos, movimentos, espaços de poder, potências e liberdades. São qualidades e situações que constroem os eixos da performance e desejei estender as experiências, propondo ações performativas coletivas”.

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. (CANÇADO, 2016, p. 25).

A partir de agora, nessa escrita que se segue, as vozes serão múltiplas, cruzadas, sobrepostas, às vezes sem sentido lógico ou aparente. Identidades móveis e borradas, eu, nós, elas. Permitimo-nos escrever em deriva, na qual sensação, ficção, memória, depoimentos, passado e presente, compõem essa trama fluida que tenta dar conta da intensidade do vivido.

Das seis artistas residentes, cinco participaram de uma conversa performativa com o público, no Museu Bispo do Rosário, sobre o trabalho em desenvolvimento. Esta experiência aconteceu novamente no VI Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas (LUME/UNICAMP) e surgiu então este texto, escrita-plasmada entre experiências, encontros e diálogos entre nós e as mulheres que conhecemos na colônia.

Cinco Mulheres. Duas atrizes, uma performer, uma dançarina e duas fotógrafas. Cinco filhas e três mães. Quatro de cabelos encaracolados e uma de cabelo liso. Três com cabelos brancos e duas que ainda nem viveram a surpresa do primeiro fio que nasce. Por que falar sobre os cabelos tornou-se importante?

Ser

mãe

apavora

A proposta previa estabelecer relações com as mulheres usuárias através das capas-mantos-parangolés, objetos relacionais, performativos, elementos importantes e presentes na construção da Grassa Crua. Referências que vêm das capas de Yemanjá, do Manto de Bispo do Rosário, dos Parangolés de Hélio Oiticica, do Divisor de Ligia Pape e dos objetos relacionais de Lygia Clark. O desejo era o compartilhamento dessas ações, buscando potencializar a performance através destas experiências e proposições abertas. Viver com essas mulheres situações de riscos, de vida e de trocas.

Eu me corto quando eu tô com ódio

Na Colônia o que nos interessava eram os “entres”, o não esperado, o não projetado, o que acontece nas faíscas dos encontros, de relações com pessoas, memórias, lugares, energias, oportunidades e experiências.

Nos levaram de carro até a residência. Colchão azul capa de plástico frio, amaciado pela camada de espuma bege caixa de ovo, pelas ondulações na superfície. Cobertor Bispo do Rosário, bege, áspero, mas sem os bordados do Bispo, só bege e áspero, mas novinho recém saído do plástico. Assim como os lençóis brancos. Limpos e sem perfume. Brancos, muito brancos.

Quarto grande. Jesus salva ou algo assim nas paredes. Marcas de sangue de pernilongo. Janela emperrada, frio, vento e muito pernilongo. Surge o traje talibã: cachecol cobrindo a cabeça, nariz, boca, só os olhos de fora. Criação da Raquel reproduzida por todas. Camas e colchões no chão, decidimos dormir todas juntas. Medo? Desejo de aconchego? Cumplicidade?

Fome. Onde se come? O que se come? Onde se compra comida? Como saímos daqui? Onde é aqui?

Eu não sou daqui, sou de outro lugar.

Sou de outro lugar.

Sou de outro lugar.

Recalcular. Replanejar as ações. Recriar a cada dia.

Talvez porque cabelos lembrem fiar – confiar. Confiamos juntas. Fiamos juntas. Lembro das facas sem ponta do restaurante. E de Margot. Pudim do céu na minha boca direto das mãos de Margot, cuidadosa Margot. Treme pulso e face, olho verde verde verde piscina, cabelo tingido de ruivo. Derrubei café na mesa. Sequei com papel que não seca nada... Devia ter deixado um bilhete pra ela elogiando os olhos, o cabelo e agradecendo a doçura.

De mansinho, cada uma pedindo licença a seu modo, aterrissamos no “Bispado”.

Bispo do Rosário, artista que revolveu o mundo das artes. Produções que espantam o mundo por sua força. Reconhecido internacionalmente, ainda hoje, seu trabalho depara-se com os preconceitos em relação aos corpos considerados malditos. Bispo transformou seu cárcere em lugar de criação, trazendo vida e força àquele lugar, sendo ele artista-senhor de seu atelier, vestido com seu manto, reinando absoluto em universo recriado com esmero e dedicação, com poética própria, como o lugar em que ele se colocou e ocupa no mundo. Da abjeção, invisibilidade, esquecimento, exclusão a um lugar, um nome, o criador de um mundo, este mesmo que ele recriou e com obras que circulam pelos “templos” das artes, espaços de grande destaque, museus, centros culturais e tantas outras instituições, além de estarem em livros, fotografias, filmes, peças de teatro, cordéis, teses e muitas outras produções que se desdobram a partir de suas experiências.

Bispo recriou-se e conquistou seu lugar de destaque. Foi deste lugar invisível e desconsiderado, espaço dos medos e repulsas, que ele ergueu um outro, o seu, onde era absoluto com seu manto da apresentação, o manto que ele iria vestir no dia do juízo final. Assim, Bispo tornou-se senhor de si, o escolhido para recriar o mundo a ser salvo. Este poder lhe foi conferido em suas visões e, desta maneira, ele pode seguir firme, conquistando, contra todos os sistemas, o seu próprio, e reinando ali com seus Parangolés. Incorporações. Bispo assim criou uma obra performativa de vida, em suas relações com outros pacientes, profissionais de saúde, artistas, pesquisadores e todos que o conheciam e que se interessaram pela sua produção.

É esta vida-obra que interessa nas performances diárias de Bispo. Micropolíticas. Bispo resistiu e conquistou seu espaço, temido e respeitado dentro da Colônia, por sua força, conquistou regalias e não se submetia às regras do lugar. Desta forma, criou suas

próprias narrativas e objetos com os quais ele habitava este mundo.



Imagem 2: “Elogio ao Gesto” por Mariana Rotili, 2016

Escondam as facas, a louça, a cafeteira elétrica... Andréia vem chegando.

respiração densa.

ar rarefeito.

tensão.

vagueio lentamente.

Atividades preencheram os dias e noites vividos, núcleos, cachorros, museu, celas, cavalos, mulheres usuárias e profissionais do serviço de saúde mental, fotovídeoperformances, conversas, música, televisão, painel de fotografias, jardins, “lambe-lambes”, o engenho, centro histórico com ruínas de senzala, uma bela igreja que nunca entramos e as histórias de cobras que vivem ali.

Cruas, as experiências entre mulheres, na colônia.

*Ontem eu queria me cortar,
mas eu fui direto pra cama,
pra não me cortar, que eu sei que dói*

O que é que eu sou?

Fabiana nota mil.

O que é que eu mereço?

Um abraço?

Acho que um doce!

Bianca boiava.

Respiramos conversas de silêncios longos, aquosos de suor e lágrima. As duas embarcadas para lugar nenhum. Águas paradas são profundas.

Uma frase era isca, vez ou outra a fisgava do escuro. Sorrimos também. Me ensina a olhar nisso aqui? Onde aperta? – Disse ela.

O que vê? – Calei eu.

Tem três Marias na sua cara – Ela diz.

Nada falo.

Não entendeu, né? Três pintinhas, ó...e toca no meu rosto.

Realizamos uma sequência de situações-ações nas ativações propostas. Tecidos, maquiagens, desfiles no tapete vermelho e a realização de fotografias e vídeos. A animação tomava conta das mulheres que se apropriaram das capas e daquela grande passarela vermelha. Descontraídas, ou não, a maioria parecia gostar do momento. E a cada foto, vestidas com seus parangolés, seus sorrisos se abriam e os olhos se acendiam. Os objetos relacionais permitiram os entrelaçamentos, as sensibilizações e incorporações.

Prolongamentos dos corpos, cabanas-ninhos-nichos de compartilhamentos íntimos, cores que vestem e dão passagem.

Muitas se abriram para participar, mesmo as mais quietas, as que se relacionam pouco, as cadeirantes, as catatônicas, aquelas que usam bolsa de colostomia, as “tortas”, corcundas, “esquisitas” e misteriosas. Foi um alvoroço. Incrível como elas despertaram daquele “transe”, daquela situação passiva, de imobilidade, para participarem. Quiseram, sorriram, gargalharam, falaram, gesticularam, apontaram, cantaram e toda a situação daquele salão transformou-se. O “recanto das cadeirantes” ganhou vida.

Na passarela, elas encontraram o banquinho vermelho, metáfora de nossos desejos de ascender a um local de “glamour”, de destaque, este lugar-ilusão que todas procuramos, o sonho de pertencimento, de ser especial. O banquinho representa as prisões que nos encarceram através das vaidades excessivas, das normas impostas aos corpos, destes lugares de confinamentos em que nos encontramos na busca por pertencer a uma sociedade cheia de preconceitos. O banquinho é um espaço minúsculo que não acolhe aqueles que estão fora das formatações propostas e impostas aos corpos considerados “normais”. Naquele minúsculo banquinho, lindo, pequeno palco, não cabem as diversidades e abjeções. Subir nele pode ser um ato de coragem e de prisão. Depois que se está nele, aquele lugar pequeno e baixo, temos a sensação de insegurança, da possível queda. Ali não cabe ninguém, fica difícil sentar e mais impossível ainda deitar ou dormir. Estar nele imediatamente leva ao desejo de sair dali. O pequeno espaço nos expulsa, pois para estar ali é necessário adequar-se, sacrificar conforto e vida para ser possível ficar. Viver no banquinho é tarefa impossível e temporária.

Meus olhos pesados não olham o espelho. Não ver para ver mais? Quis tecer imagens-carinho, abrir frestas, reflexos...Fotografar sem ser vista, sem penetrar, perfurar, impor. Entregar um olhar de cuidado, de toque suave.

Algumas mãos pareciam de papel de seda. Outras de ferro, assim como tiveram de ser nossos braços para firmar o peso que despejavam. Ser suporte de corpos desmoronando. Colo quente para aninhar senhoras meninas.

Mãos em espera.

Juliana, a diretora do Núcleo Teixeira Brandão, nos recebeu com um incenso aceso nas mãos. Ele queimou inteiro antes que conseguíssemos subir até a sala de reunião. Ali vi Sandrinha, que olhos grandes, meu deus do céu!

A Raquel de lá era uma fera, marcou território, mostrou os dentes. Sua fúria atraía, dava nó nos nervos. Tive medo, escondi a câmera fotográfica quando ela falou de revólver, do cara que a perseguiu e tentou invadir sua casa. Não quis ser mais uma invasora.

Pequenas danças se abriam, cada uma com seu par. Uma a uma.

Eu fotografava como quem acaricia uma bolha de sabão com dedos sem unhas. Assim foi com Eni, Cris e o véu verde, Dona Antônia, Raquel e seu baile miúdo no meio da rua. Algo muito delicado se instalava no espaço.

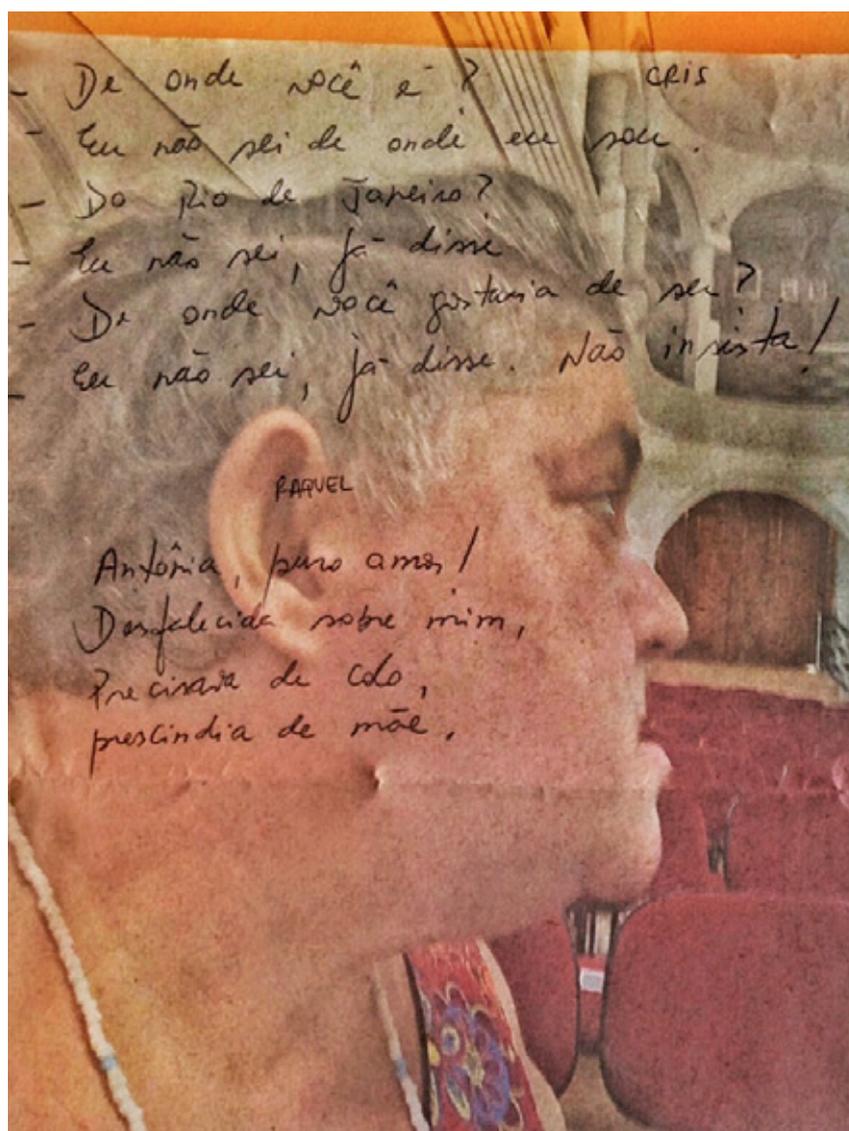


Imagem 3: "Não insista" por Fernanda Magalhães, 2016.

Grassa Crua propõe a todos a possibilidade de sentir, perceber e romper com estes espaços minúsculos a que estamos destinadas, estes espaços de contenções, regras, submissões e julgamentos. A valorização do olhar, da beleza, da vaidade e posar para fotografias. Por um lado, um mundo repleto de diversões, por outro, um lugar de ilusões e prisões, conter-se nestes espaços que parecem ser maravilhosos e que, ao mesmo tempo, nos cerceiam, nestes mundos da aparência, dos padrões de beleza e de comportamentos. Quebrar o banquinho vermelho foi a atividade final realizada por algumas mulheres durante a performance no último dia, como possibilidade de romper com as normas, de mudar as estruturas.

Grassa Crua está mais “crua” depois de nossa passagem pelos espaços da “loucura”. Trouxeram mais lucidez aos trabalhos. Mostraram suas fragilidades e potências. As experiências possibilitaram entender esta *Grassa* com outras sensibilidades e respostas. Experimentar e performar com as mulheres da Colônia foi uma experiência única e que sinto fundou verdadeiramente o trabalho.

Eles disseram, em resumo, que naquilo que é chamado, *grosso modo*, loucura, há duas coisas: um furo, um rasgo, como uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há, em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar de desabamento. Um furo e um desabamento. (DELEUZE, 2006, p. 303).

Eni suspira.

Olhos fechados

Sentindo a leveza do tecido

O toque das mãos, respiração ofegante

De repente, abre os olhos que se grudam em mim

O que você vê?

Meu anjo da guarda.

E se tivéssemos que viver em um lugar assim, confinadas em uma cela, consideradas “agitadas” só porque temos uma inquietação interna, uma inquietação artística?

Medo de virar lixo, desabar, despertencer. Limite da insanidade. Opto por ser prisioneira confortável, com casa bonita, cama quente.

Ela transita pelos corredores em sua velhice de coluna curvada e pele fina, institucionalizada. As mãos fortes. Cicatrizes e marcas pelo rosto, um curativo recente na sobancelha. Na boca os restos do pão com manteiga da tarde misturado à saliva que escorre quase até o queixo. Olhar de menina marota, ela provoca, convida e deixa-se estar na curiosidade daquele encontro. Entre um passo e outro, uma pausa e um olhar ela desaba. Escorre do seu corpo pequeno até o chão em um abandono quase mortal. No chão experimenta o plano, olha daí, apoia-se como pode e continua marota a provocar. Ora deitada, ora em quatro apoios, perde-se na vontade de estar em qualquer lugar não convencional entre o chão e o estar em pé. Curte o chão duro e sujo das águas de muitas décadas de mulheres reclusas, entre a urina e o cimento gasto, ela só quer estar. Sem pressa ajeita-se como bicho, bicho, bicho, nua, sozinha, quase sem dentes, quase cega, imersa no cheiro de urina.

Ela grita com o oco do estômago.

Ela anda de um lado ao outro do corredor.

Ela nos convida a habitar sua cegueira.

O que eu vejo?

Eu suporto o convite? Eu aceito estar com ela nesse espaço desumano?

peito nu.

teta caída.

olhar que varre o chão.

o pó.

caroço enrugado.

E levanta com a destreza de quem vive aí, nesse intervalo longo de um lugar qualquer. E de novo caminha e de novo olha e de novo baba e de novo convida e cai, um tombo novo, um outro desmoronamento na curva do salão cheio de corpos rotos e caóticos. Esquecidos? Ela, que movimentava o ar a cada queda, passa seus dias a provar das danças cotidianas que estão nos olhos de quem vê e na necessidade de quem descobre infames coreografias do seu estar viva.

Confinada. Abandonada. Apartada. Desqualificada. Desinvestida e ... viva. Na vida de quem atualiza suas forças a cada passagem em queda.

“Eu gosto de ler um livrinho, uma revista, uma revista de moda”.

Foram escolhidos os locais de atividades e, assim, o trabalho desenvolveu-se dentro de dois núcleos – o Franco da Rocha e o Teixeira Brandão. As atividades também aconteceram em outros locais dentro da Colônia Juliano Moreira, como os espaços do Museu, as celas do Pavilhão 10, que o Bispo ocupou, e o Polo Experimental de Convivência, Educação e Cultura, lugar em que ficamos instaladas durante a residência e onde algumas atividades aconteceram.

Antônia dança, anda, dança; o corpo não para.

Quando você descansa?

Dormes?

Aceitou o cetim amarelo, andou com capa pra lá e pra cá e assim criamos nosso sol.

O sol queimou e brilhou o ambiente.

Não se olhava no espelho há uma semana. Uma vida quase. Só espiava sua sombra, cabelos ao vento, eriçados. Queria se perder.

arrasta os pés.

na cela.

no salão.

na calçada.

se arrasta.

sempre em pé.

vazia.

Me dá uma bolacha?

Um doce?

Me paga uma salsicha?

Me leva pra casa?

É difícil dizer o quanto pudemos de fato afetar estas mulheres e mudar, um pouco que seja, os seus dias monótonos, entre exames de sangue, medidas de pressão, banhos e a espera dos alimentos que chegam em *marmitex* acompanhados de sucos engarrafados. Elas estão à espera de algo que as salve, que as retire daquele estado, quer seja um pacote de bolachas de chocolate ou momentos de criação em arte.

Mais difícil ainda é dizer o que mudou em nós. Também esperamos algo que nos salve. Aquelas experiências criaram abismos dentro dos nossos corpos e vastos silêncios. Manter o que nos tomou na colônia e transformar em algo que seja gesto, suspiro, sentimento.

A criação permite outros caminhos do que os propostos, outras formas de chegar, de trocas e sensibilizações. Soubemos de mudanças por lá, nossas dinâmicas transformaram um pouco aqueles dias. Nossas proposições são passageiras, mas percebemos claramente como a vida e o brilho das pessoas naquele instante pôde se acender.

Acho que, com o que tenho poderei dormir, embora o vento invada o quarto pelas janelas mal fechadas.

Eu não sou daqui, sou de outro lugar.

Fabiana se corta e chupa o dedo

Andreia bate e morde

Bianca turva os olhos e sorri

Maria cai e levanta, infinitamente

Neusa com flor rosa no cabelo, se sente boneca

Cibele coquete

Eni ofega tentando esboçar um sorriso

Mônica roubou meu batom

Marina pelada, pula e estremece

Alguém viu?

Alguém vê?

Quem se importa?

Ficam impressos na memória os momentos íntimos com o lugar e as pessoas, quando pudemos estar e compartilhar. Patrícia, nosso anjo acolhedor, pãozinho fresco e quente para acalmar a alma. Os núcleos, o Atelier Gaia, a doçura do Arlindo, os *selfies* sobrepostos, as celas do Bispo com seu piso esburacado e alagado, os ruídos.

Me reconheci em algumas delas. Nó na boca do estômago. Pertencimento.

Você gosta de TV?

Gosto

O que você gosta de ver na TV?

Nada, nada, nada, nada

Tem bala?

Tem doce?

Tem perfume?

O sono teve dois despertares: no primeiro ouvi sons na mata, passos, mas não de humanos. Não tive medo. No segundo ouvi um carro estacionando lá fora. Aí tive medo.

Entre tantas mulheres e tantas marcas de processos violentos, encontramos espaços para outros olhares. Outras nuances dentro do “esquecido” dos corpos.

Sem saber muito como, iniciamos uma brincadeira de desfile. Usamos poucos recursos para colorir aquele espaço, alguns tecidos coloridos, que contrastam com a aura acinzentada do espaço.

Pintamos olhos, bocas e faces. Pintamos também o vazio de uma sala de espera sem fim. Estacionamento de cadeiras, de corpos e de vidas. Aos poucos, entre *blushes* e *flashes* descobrimos seus nomes, suas vozes, seus cheiros e toques.

A mulher antes nua, agora está vestida e calçada. Seu nome é forte e lembra flor. Aproximo-me, tento um contato, ambas desconfiadas, insisto. Insistimos. Aos poucos uma conexão se dá, ela permite-me pintar seus olhos e bochechas. Pequeno elo.

Aceita vestir nossa capa, um tecido de voal rosa. Desfila refeita de outros tons, em nossa passarela improvisada e no tapete vermelho das surpresas dessa tarde.

Descubro também outra Ana, nome da avó. Corpo velho, muitos ferimentos, nenhum dente, uma corcunda enorme entre as escápulas e uma inacreditável facilidade em transitar entre os níveis alto, médio e baixo. Dança em *looping*, as vezes mais lenta outras vezes mais rápida, quase se jogando no chão. Ganho de presente esse encontro/convocação. Sinto o pulso do seus olhos em meus ossos. Como não dançar junto?

Quantas vidas seriam necessárias para transformar esse corpo? Há quantos anos resguardada aqui?

Um Lamento e muitas sombras de dúvidas quanto às margens dessa colônia. Para onde vazam essas vidas?

O que fica além da impregnação do tempo e da solidão por todos os lados?

Hoje eu sonhei que o Dr. Lucas vinha correndo com uma garrafa de fanta laranja pra me dar. Daquela grande.

No outro hospital tinha lasanha, frango assado, pudim de pão, strogonoff, frango a

milanesa. Fechou. Engordei muito. Nunca recebi visitas. Visita eram as faxineiras.

Cheiro de merda

Mau hálito

Tártaro nos dentes

Cuspe e bolacha

Café com leite

Secreções

Pão com manteiga

Cansada... acho que vou sentar.

Mas a cadeira está borrada de cocô.

Você não vem dançar com a gente?

Eu não, vai catar sardinha!

Para fechar a semana de residência fizemos a performance *Grassa Crua*. Reverberam os momentos fugazes que aconteceram entre as cenas. Os olhares delas acompanhando o meu, as línguas se movimentando dentro das bocas fechadas junto com meus gestos pequenos internos, isto é algo que não havia acontecido ainda. Em geral, o público fica paralisado neste momento em que discretamente me movo, os olhos, a língua, quase nada escapando para fora. Elas, no entanto, perceberam e repetiram. Muitas emoções me atingiram. Tambores ecoaram em mim.



Imagem 4: “Elogio à Graça” por Mariana Rotili, 2016.

Eni aceitou sair da cama e passear no jardim. Ganhei o dia.

Elas realmente estavam lá. Vieram dos núcleos especialmente para participar. Sentaram lindas nos bancos, quando me viram mandaram-me beijos e, assim que comecei a performance, algumas delas também vestiram as capas e desfilaram comigo nas passarelas. Subiram no banquinho e posaram para as fotografias. E algumas vieram no final me ajudar a quebrar o banquinho. No percurso da performance, que é longa, uma ocorrência. Na hora em que tiro toda a roupa uma delas se preocupou comigo e quis me acudir. Achou que eu estava passando mal, tendo um surto. Ana Cristina foi conversar com ela e explicou que eu estava bem, e ela ficou um pouco menos agitada quando teve a certeza de que eu realmente estava bem. Depois, no final, dançamos juntas na celebração, muitas marchinhas de carnaval. Ela já estava tranquila.

Lembro-me, com o coração aos pulos, daquela celebração no saguão do Museu, logo após a performance acontecer naquele lugar claro, amplo e bonito. O grupo que se reúne no Polo, é a escola de samba do lugar. Vieram de surpresa, fantasiados, com roupas coloridas, coroa dourada, bumbos e voz. Cantaram e tocaram assim que finalizamos a performance e todos nós dançamos e celebramos aquele encontro. Foi um grande momento, festivo, nossa despedida daquela experiência.

Ecos ainda reverberam em mim.

Hoje fui eu, Antônia, busquei seu colo, seu carinho.

A gente se precisa.

Você, deitada no meu peito me afaga. Te afago, me afagas.

Você é cheirosa; é talco puro.

Devo sentiris falta de você que você de mim.

Você já se acostumou a ser só.

Peguei avião, voltei pra casa.

Meio barata tonta.

Zumbido no ouvido.

Lento.

Tudo lento.

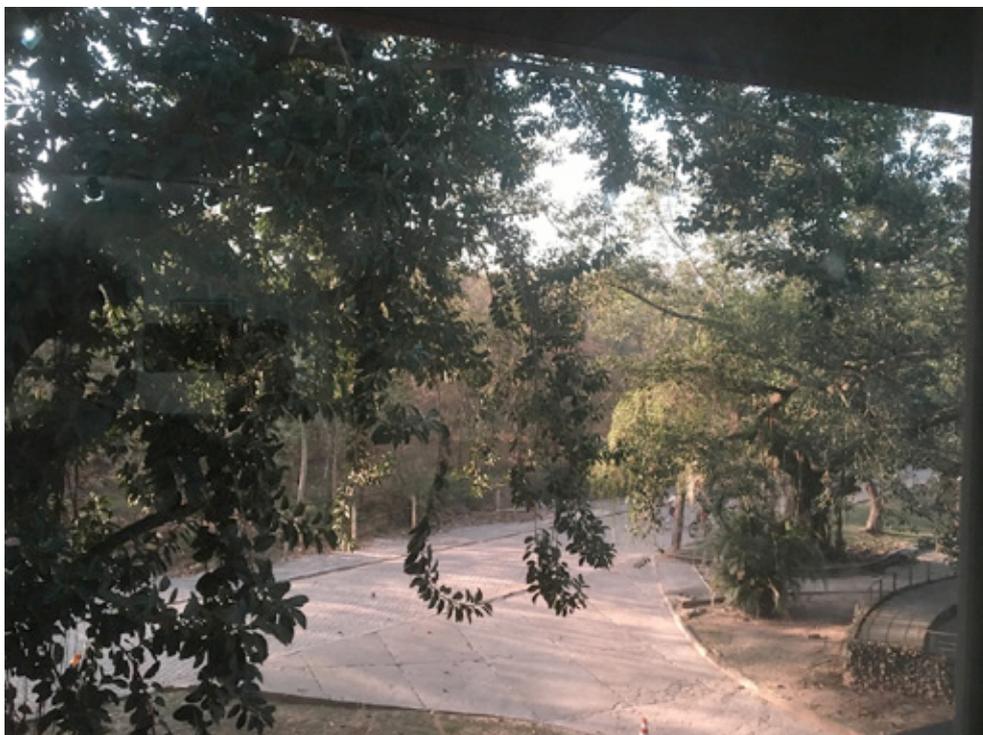


Imagem 5: “Colônia Juliano Moreira” por Fernanda Magalhães, 2016

Referências

CANÇADO, Maria Lopes. **Hospício é Deus: Diário I**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DELEUZE, G. **A ilha deserta**. Edição David Lapoujade; Organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome/Stela do Patrocínio**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

FERNANDA, Magalhães; REIS, Bruna; COLLA, Ana Cristina; HIRSON, Raquel; ROTILLI, Mariana. **Se Fosse Possível Contar**. Campinas: Unicamp. Londrina: UEL. Performer, artista visual e Docente no Curso de Artes Visuais da UEL; Dançarina e estudante de doutorado, bolsista Capes no PPGADC-Unicamp; Atriz, Pesquisadora Pq do LUME Teatro e Professora no PPGADC-Unicamp; Atriz, Pesquisadora Pq do LUME Teatro e Professora no PPGADC-Unicamp; Atriz e estudante de Mestrado no PPGADC- UNICAMP.